

28/06/2011 às 00:24 29/06/2011 às 14:20

Autor francês Emmanuel Carrère vem para a Flip e diz que faz da realidade um combustível para sua prosa

Andre Miranda (andre.miranda@oglobo.com.br)



RIO - O ato de raspar um bigode pode representar a busca por algo desconhecido ou a perda de uma vida consolidada. Uma viagem para uma colônia de férias pode iluminar um menino pela descoberta do mundo adulto ou pode marcá-lo para sempre pela aniquilação da inocência infantil. A literatura do francês Emmanuel Carrère pode ser uma coisa ou outra, a realidade ou a ficção, a psicanálise ou a ação, a vontade de se expor ou o desejo de autocompreensão.

São essas ambiguidades que fazem de Carrère um dos mais interessantes autores franceses contemporâneos e que o fizeram ser convidado para a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), que começa em 6 de julho e segue até o dia 10. Aproveitando a visita, a editora Alfabeta relança no Brasil dois de seus romances, “O bigode” e “A colônia de férias”, que estavam fora de catálogo, numa edição única.

Na Flip, Carrère participa de uma mesa intitulada Laços de Família, na sexta-feira, dia 8, às 15h, ao lado do húngaro Péter Esterházy. A discussão vai flutuar em torno do que pode ser chamado de “prosa autobiográfica”, tratando da capacidade dos dois autores europeus de transformar experiências pessoais em narrativas que esbarram, ou até penetram, na ficção.

— Acabo de descobrir, com muita admiração, o “Harmonia caelestis” (obra de Esterházy ainda inédita no Brasil, a ser lançada pela Cosac Naify). É um livro impressionante, que espero terminar até o nosso encontro na Flip — diz Carrère.

— Só que não é novidade um autor expor sua intimidade em seu trabalho, vide Santo Agostinho, Montaigne, Rousseau e Michel Leiris. Da minha parte, fiz isso uma vez, em “Um romance russo”. Mas é verdade também que em “O adversário” e “Outras vidas que não a minha” sou ao mesmo tempo narrador e testemunha muito presente. Isso certamente cria uma relação de proximidade particular com o leitor, da qual eu não me queixo, e que além disso faz com que eu busque a mim mesmo como leitor.

Ex-crítico de cinema e autor de um livro sobre Werner Herzog, Carrère começou a se destacar na literatura com “O bigode”, romance de 1986 sobre as mudanças impostas na vida de um homem que decide raspar seu bigode: os amigos passam a tratá-lo de maneira diferente e sua mulher diz ter certeza de que ele nunca usou um bigode. Quase 20 anos depois, em 2005, o próprio Carrère dirigiu e roteirizou a adaptação do livro para o cinema, mas com um desfecho diferente do original.

— Em 20 anos, eu mudei e é por isso que modifiquei o final: eu não tinha mais vontade de contar uma queda em espiral em direção ao horror e à loucura, mas sim como um casal consegue, com grande dificuldade e sabendo que tudo continua sempre minado, encontrar um terreno comum, uma forma de continuar a viver. A gente se torna menos desesperado com a idade. Eu, pelo menos, me tornei — diz Carrère.

Já em “A colônia de férias”, lançado em 1995, Carrère narrou a viagem de Nicolas, um menino tímido, com sua turma de escola para uma temporada numa estação de esqui. Por trás de tudo, porém, estão problemas familiares que vão sendo descobertos pelo personagem — e pelo leitor — aos poucos, e que podem afetá-lo para sempre. O livro, dos mais bem-sucedidos de Carrère, também foi parar no cinema, este com direção de Claude Miller, num título homônimo lançado em 1998.

— “A colônia de férias” não traz uma resposta clara e certa sobre o que se tornará Nicolas. Mas tenho medo de que seu futuro pareça seguir uma má direção. É abominável dizer, adoráramos que não fosse verdade e que a resiliência continuasse sempre possível, mas acho que há vidas irremediavelmente abaladas desde cedo — explica.

Pouco depois, porém, veio uma mudança no estilo literário de Carrère, tendo como ponto de partida “O adversário”. Lançado em 2000 (no Brasil, foi publicado pela Record), o livro parte da tentativa do autor de entrar na mente de Jean-Claude Romand, um médico francês que, em 1993, assassinou sua mulher, seus filhos e seus pais aparentemente sem motivo. A questão, para um autor interessado na compreensão psicológica de seus personagens, reais ou fictícios, era que o “aparentemente” não era o bastante. Carrère, então, se correspondeu com Romand, entrevistou pessoas próximas e transformou sua história num relato de um homem envolto numa rede de mentiras — a trama virou filme em 2002, com Daniel Auteuil como protagonista.

Seu livro seguinte, “Um romance russo” (Alfaguara), de 2007, foi mais a fundo — talvez fundo demais — nos relatos pessoais. Carrère expôs detalhes de seu relacionamento com uma ex-namorada e revelou ao mundo que seu avô era simpatizante do nazismo.

O problema foi ainda maior porque o mesmo avô, que já tinha morrido na época do lançamento do livro, era pai de Hélène Carrère d’Encausse, uma historiadora conhecidíssima e integrante da Académie Française. Mamãe Carrère não ficou muito feliz, a ponto de o autor já ter afirmado que nunca mais fará algo parecido.

Já em seu último livro, “Outras vidas que não a minha” (Alfaguara), de 2009, duas tramas se complementam, ambas com o autor assumindo um papel presente: Carrère estava no Sri Lanka em dezembro de 2004 e presenciou a tsunami que provocou milhares de mortes, inclusive a de uma menina francesa que viajara com os pais; e, meses depois, acompanhou de perto os últimos dias de uma juíza, mãe de dois filhos, vítima de câncer. A história será adaptada para o cinema por Philippe Lioret, com previsão de estreia para o fim do ano, na França.

— “O adversário” marca, para mim, o abandono da ficção e a passagem à primeira pessoa. Se é definitivo? Honestamente, não sei — diz. — Eu tento me colocar no lugar do leitor. Não do público, com quem me importo pouco, mas com o leitor ideal para quem cada livro é uma partida de xadrez. Quanto a me colocar no lugar dos personagens, isso me faz lembrar de uma frase de uma garotinha, após levar uma bronca da mãe que lhe disse que ela tinha que se colocar no lugar das pessoas. A menina respondeu: “Mas se eu me colocar no lugar das pessoas, para onde elas vão?” Eu não gosto de enxotar ninguém de seu lugar, sobretudo quando se trata de pessoas reais: prefiro tomar o meu lugar, à frente delas, e é por isso que tenho me inserido obstinadamente em cena nos meus últimos livros.

O “personagem Carrère” deve voltar em seu novo livro, “Limonov”, a ser lançado em setembro, na França. A obra vai tratar de Edouard Limonov, um ativista russo opositor de Vladimir Putin, que vive extraditado na França e que fundou o Partido Nacional Bolchevique, grupo político banido da Rússia.

— Limonov se envolve com as frentes da história contemporânea, em que toma partido contrário à ortodoxia democrata. Eu não aprovo suas posições, mas achei fascinante contar em detalhes como sua vida de aventuras o conduziu a tomá-las, com honestidade e coragem — explica Carrère.

© 2006 - 2011 Todos os direitos reservados a Infoglobo Comunicação e Participações S.A. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuição sem prévia autorização.